

COMO PENSAR AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS: A EXPERIÊNCIA DO SUBURBIO PARISIENSE NOS ATELIÊS INTERNACIONAIS DE CERGY- PONTOISE (FRANÇA)

Pablo Silva Lira

Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, estudante do curso de Geomática do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo e estudante/pesquisador do Projeto Atlas da Criminalidade Violenta na Grande Vitória, Laboratório de Geografia Humana – UFES.

INTRODUÇÃO

No período de 25 de agosto a 19 de setembro de 2003, tive a oportunidade de participar da 21ª Sessão do Ateliê Internacional de Planejamento e *Design* Urbano de Cergy-Pontoise - França. Promovido por organismos franceses que cuidam do regime fundiário urbano da região parisiense, com o apoio da Ville Nouvelle de Cergy-Pontoise, do Estado, da Prefeitura de Paris e da *Maîtrise d'OEuvre Urbaine*, o Ateliê visa o desenvolvimento de estudos teóricos e empíricos sobre a prática urbana de jovens pesquisadores de nacionalidades diferentes com especialização em várias áreas relacionadas à urbanização, que intervêm num aspecto da cidade, segundo a temática abordada, e formulam possíveis soluções para os problemas estudados.

Nas próximas linhas, pretendo delinear o processo de elaboração do projeto de planejamento urbano desenvolvido por mim e meus companheiros de trabalho, durante o evento.

ETAPAS DE SELEÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NO ATELIÊ

Como representante do Ateliê Internacional na UFES o Prof. Dr. Cláudio Luiz

Zanotelli incentivou os estudantes a elaborar um projeto preliminar, de caráter eliminatório, que era pré-requisito para a participação no evento.

Uma vez selecionado o projeto Direito à Cidade, a Revitalização do Espaço Urbano de minha autoria pela comissão organizadora do Ateliê na França, iniciou-se a elaboração da pesquisa que deveria ser apresentada na primeira semana do evento.

Esta deveria abordar a temática da 21ª Sessão do Ateliê: “A relação centro/subúrbio, através de um curso d’água, em uma grande metrópole”, que tinha como área delimitada de estudo: as zonas urbanas de influência da confluência do rio Sena com o rio Marne (Sudeste de Paris), realizando comparações de estudos de casos mais próximos à realidade do estudante selecionado.

A foz do rio Santa Maria, localizada na Região Metropolitana de Vitória - ES, os rios Tietê e Pinheiros, ambos localizados na Metrópole de São Paulo, foram os exemplos de casos escolhidos para análise.

A foz do rio Santa Maria foi abordada com o intuito de resgatar a importância histórica que esse elemento natural representou para a região, tanto quando suas águas eram utilizadas para escoar a produção de café¹ vinda do interior quanto nos

¹Principal produto agrícola capixaba.

tempos recentes em que as mesmas são responsáveis pelo abastecimento hídrico da área urbana que abriga cerca de 50% da população do estado (Fonte: Companhia Espírito Santense de Saneamento - CESAN), bem como o seu mais expressivo complexo industrial e comercial.

Na segunda parte da pesquisa, que trata do caso do rio Tietê, as similaridades com o Sena foram mais significativas. Logo, análises referentes à atuação determinante do Tietê na implantação e orientação de grandes avenidas e marcos arquitetônicos/ paisagísticos da cidade de São Paulo foram estabelecidas com o propósito de tentar interpretar o arranjo urbano paulista.

As questões ambientais, que preocupam a população paulista, foram abordadas no último caso de experiência comparativa da pesquisa, na qual as ações de reutilização e revitalização das margens do rio Pinheiros foram enfocadas, apresentando os objetivos alcançados pelo novo sistema de tratamento das águas, Estações de Tratamento pelo Processo de Flotação², e pela interação de diversos agentes sociais (administradores públicos, pesquisadores, profissionais, estagiários, população local etc.) na recuperação dos padrões ecológicos das margens do rio.

Na conclusão do trabalho *Direito à Cidade, a Revitalização do Espaço Urbano*, todas as idéias estruturadas nas análises de casos foram trabalhadas em comparações com a temática proposta pelo evento cultural-científico francês, enriquecendo assim o conhecimento para a participação na 21ª Sessão do Ateliê.

Como 36 estudantes de diversas nacionalidades participaram dessa sessão do ateliê, 36 pesquisas, que abordavam exemplos de casos de Cuba, Itália, Taiwan, México, Turquia, Mali, Japão, China, Rússia, entre outros, foram apresentadas dentro de um processo de construção intelectual coletiva. As instituições francesas elaboraram conferências, palestras, aulas de campo e debates, como forma de oferecer elementos e conhecimentos básicos necessários para a formulação de um projeto urbano que seria implementado na região parisiense discutida: as zonas urbanas de influência da *confluência do rio Sena com o rio*

Marne (no sudeste de Paris, incluindo as comunas de Alfortville, Maison Alfort, Choisy, Vitry e Ivry) Figura 6.

Após essa fase, os participantes formaram 6 grupos com 6 integrantes cada, para iniciar a elaboração de um projeto urbano de melhoria das condições da área parisiense estudada.

O projeto *Ilha à Montante*, desenvolvido pelo grupo C - Pablo Silva Lira (Geografia) – Universidade Federal de Espírito Santo – Brasil, Murat Oktem (*Urban Design*) – *Gazi University* – Turquia; Alessia Martina (Arquitetura) – *IUAV* – Veneza – Itália; Blandine Franchon (Arquitetura) – *Ecole d'Architecture de Versailles* – França; Fang Deng (Paisagismo) – *SCUT* – China e Tetsuya Tatenami (Arquitetura) – *Kyoto University* – Japão, tratava de maneira sistematizada, os problemas urbanos da região da confluência do rio Sena com o rio Marne.

O PROJETO ILHA À MONTANTE

Desde a antigüidade, à beira de rios, cidades se desenvolvem e vivem da exploração das riquezas dos recursos hídricos, como por exemplo São Paulo à beira do rio Tietê, Londres do Tâmsa e Paris do rio Sena, de forma que os complexos aquáticos doces sempre ofereceram alimentação e condições de sobrevivência e prosperidade econômica ao ser humano.

Aspectos espaciais, como a atuação determinante do Sena na implantação e orientação de grandes avenidas, linhas de metrô, fios telegráficos e marcos arquitetônicos/paisagísticos (Torre Eiffel), revelam a importância desse rio que transcende a construção da paisagem como elemento natural, influenciando a complexa lógica de estruturação do desenho urbano.

Devido à conjugação de tal característica com a urbanização radioconcentrica, o território parisiense apresenta-se interligado como uma “teia” urbana. Ao longo das margens do Sena, localizam-se vários pólos que possuem forte ligação com o privilegiado centro, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão. Além disso, essas áreas possuem

COMO PENSAR AS CIDADES
CONTEMPORÂNEAS: A EXPERIÊNCIA
DO SUBURBIO PARISIENSE NOS ATELIÊS
INTERNACIONAIS DE CERGY-PONTOISE
(FRANÇA)

²Método desenvolvido pelo engenheiro
João Carlos Gomes de Oliveira, da
DT Engenharia, empresa responsável
pelo empreendimento no “Projeto
Pomar” (Secretaria Estadual do Meio
Ambiente de São Paulo).

identidades marcantes que garantem a sustentabilidade das relações com o centro, como é o caso de La Defense, que é caracterizada como pólo econômico-financeiro (concentração de multinacionais); Saint Denis, que com a construção do Estádio Nacional de Futebol passou a atrair novas empresas e a ser vista como uma zona comercial e Parc Floral Bois de Vincenne, que possui potencial para reunir habitantes e visitantes como área de lazer.

Mesmo localizando-se próxima ao centro (porta sudeste)³, a área das abrangências da confluência do rio Sena com o rio Marne apresenta-se relativamente relagada no território parisiense.

No passado, essa região possuía uma forte ligação com o centro devido à identidade de produção “construída” pelo processo de industrialização, iniciado em meados do século XIX, que levou para lá a concentração de indústrias de base que utilizavam o rio para transportar a produção, mantendo ligação direta com o centro, onde as transações comerciais e a presta-

ção de serviços burocráticos se concentravam. Até a segunda metade do século XX, tais indústrias representavam a principal fonte de emprego para a população local.

Com a modernização dos meios de produção e a crescente conscientização ecológica global que condena a atividade desordenada dos grandes fornos e chaminés⁴, o sistema industrial do entorno da confluência do Sena com o rio Marne foi perdendo a sua força, pois as instalações que ali se encontravam passaram a ser vistas como obsoletas (Figura 1) em meio às transformações tecnológicas vividas nos últimos decênios do século XX.

Dessa forma, as indústrias de base iniciaram um processo de evacuação, deixando um vazio no território da planície da confluência do rio Sena com o Marne, que gerou o aumento do número de desemprego, queda do consumo comercial local, problemas com o número de lotes vagos (terras urbanas sem atividade) e o enfraquecimento da ligação com o centro parisiense.



Figura 1 - O processo de evacuação das indústrias gerou impactos urbanos e sociais.

Além dos problemas sociais e da constante ameaça dos riscos de enchentes⁵, esta região é prejudicada, também, pela má distribuição das estruturas urbanas, pois a organização das “manchas” de ocupação (zonas residenciais, comerciais e industriais) e das vias de transporte (ruas,

avenidas e linhas de metrô) segue o sentido longitudinal do rio Sena, em direção ao centro. Assim, a circulação transversal torna-se dificultada tanto para os motoristas quanto para os pedestres, por causa da disposição das estruturas urbanas que representam barreiras artificiais.

Pablo Silva Lira

³A área de estudo aqui tratada ficou conhecida como a “porta sudeste de Paris”. No passado, todos os produtos agrícolas cultivados à montante do Sena eram escoados nas águas do mesmo, entrando por Paris na “porta sudeste” e cruzando a capital francesa em embarcações que os exportavam para outros países.

⁴ Sem adaptações e modificações benéficas ao ecossistema.

⁵ Em 1910, as águas do Sena se elevaram a uma altura de 10 metros acima do nível normal, trazendo vários danos para a população dessa área de planície.

Nesse contexto, o projeto Ilha à Montante abordou inicialmente a análise social, verificando o nível de escolaridade e a evolução relativa do número de empregos e de habitantes dos últimos anos; em seguida, efetuou a análise das condições físicas do lugar, estudando as facilidades topográficas para a implementação de projetos; por fim, verificamos a análise dos custos para trabalhar a reorganização espacial, desapropriando terrenos e áreas atrativas.

AS ANÁLISES

Uma vez constatados, em uma primeira avaliação, os problemas urbanos da área de estudo, o projeto *Ilha à Montante* centrou esforços nas análises sociais, físicas e de viabilidade de implementação. Diferente dos outros projetos inscritos no Ateliê, o nosso trabalho se aprofundou nas análises socioespaciais. No fim desse processo empírico, encontrou-se o melhor local para a implementação das nossas idéias. Dessa forma, a o projeto *Ilha à Montante* seria justificada coerentemente no tecido urbano de influência da *confluência do rio Sena com o rio Marne*, pois se conjugaria com a realidade social e espacial local.

A análise social abordou os seguintes grupos de variáveis: educação, população e

emprego. Para efetuar comparações, à região de estudo, compreendida pelas comunas Alfortville, Maison Alfort, Choisy, Vitry e Ivry, foi acrescida pelas comunas adjacentes: os setores de Paris XII e Paris XIII, pertencentes a Paris; Charenton-le Pont e Saint-Maurice, ambas situadas ao norte, próximo ao centro-parisiense; Orly e Thiais, ao sul; e Créteil, localizada à oeste da *área da confluência do rio Sena com o Marne*.

Com o universo de estudo delimitado e os dados organizados iniciou-se o cruzamento dos grupos de variáveis. Nas próximas linhas, tentarei demonstrar, sucintamente, um dos métodos de análise social desenvolvido pelo projeto *Ilha à Montante*.

De posse das variáveis Evolução Relativa do Número de Empregos 1990-1999 e Evolução Relativa da População 1990-1999 (Missão *Seine Amont* ORGECO – Ateliê Internacional de Planejamento e Design Urbano de Cergy-Pontoise, 2003), efetuou-se o relacionamento dos dados quantitativos de ambas. Para uma melhor visualização e entendimento, buscou-se trabalhar com dados qualitativos. Assim, as informações e as classes dessas duas variáveis foram transpostas (Figuras 2 e 3) para dados qualitativos, utilizando o software Excel (© 1999 Microsoft Corporation).

DADOS QUANTITATIVOS	DADOS QUALITATIVOS
25% ou mais	Situação: muito boa
De 10% a 24,9%	Situação: boa
De 0 a 9,9%	Situação: regular
De -10% a -0,1%	Situação: ruim
Inferior a -10%	Situação: preocupante

Figura 2 - Adaptação das classes da Evolução Relativa do Número de Empregos 1990-1999.

DADOS QUANTITATIVOS	DADOS QUALITATIVOS
10% ou mais	Crescimento: muito alto
De 0% a 9,9%	Crescimento: alto
De -5% a -0,1%	Crescimento: regular
De -10% a -5,1%	Crescimento: baixo
Inferior a -10%	Crescimento: muito baixo

Figura 3 - Adaptação das classes da Evolução Relativa da População 1990-1999.

No fim de tal processo, os dados das 12 comunas foram representados em um gráfico cartesiano⁶ (Figura 4), com o intuito de buscar relações entre os dados.

Dessa forma, o eixo das abscissas (x) ficou caracterizado pela Evolução Relativa da População e o eixo das ordenadas (y) ficou caracterizado pela Evolução Relativa do Número de Empregos.

⁶Por convenção, este gráfico apresentou as mesmas unidades qualitativas de medida tanto no eixo X, quanto no eixo Y.

Após organizar os dados no gráfico (Figura 4), buscou-se estabelecer correlações entre as duas variáveis. Ao analisarmos os comportamentos das 9 comunas, distinguimos três tendências. Alinhadas na primeira reta (Figura 5) estavam as comunas em melhor situação, isto é, que possuíam equivalência entre a evolução relativa dos empregos e a evolução relativa da população. Alinhadas sob uma segunda reta (Figura 5) estavam as comunas que apresentavam um certo desequilíbrio quanto ao desemprego⁷. Alinhadas na terceira reta (Figura 5) estavam as comunas que apresentavam o maior desequilíbrio quanto ao desemprego. Essas tendências expressas no gráfico cartesiano (Figura 5) são conhecidas pela literatura estatística como *associação positiva*.

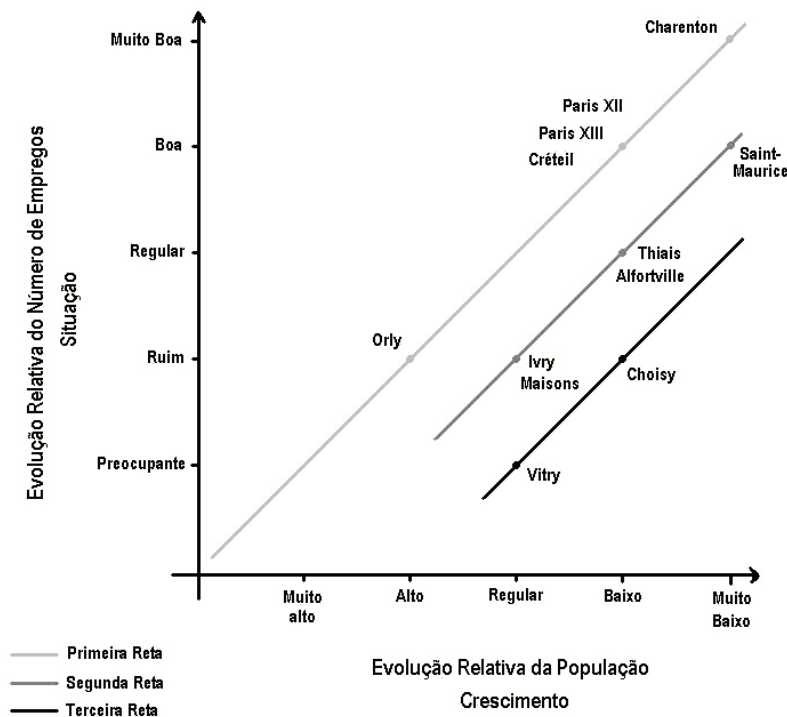
Com a utilização dos métodos da cartografia temática, os resultados obtidos no gráfico foram adaptados para o mapa temático da região, facilitando ainda mais as análises dos dados.

Os setores Paris XII e Paris XIII (que fazem parte da comuna de Paris), as comunas Charenton, Orly e Créteil apresentaram a evolução relativa da população equivalente à evolução relativa do número de empregos. Logo, conclui-se que o número de desemprego nessas localidades é baixo. Tal fato provavelmente é explicado

em Charenton, pela proximidade dessa comuna com Paris XII e Paris XIII que constituem o leste da municipalidade de Paris, local de concentração de atividades comerciais, de serviços, de gestão e grandes equipamentos culturais (A Grande Biblioteca François Mitterrand). Mesmo não se localizando próximas ao centro parisiense, Créteil e Orly se enquadram nesse contexto privilegiado devido às suas atuações dinâmicas exercidas na organização espacial parisiense. Estas duas comunas se caracterizam como dois importantes pólos urbanos: o primeiro, como um centro acadêmico (presença de importantes universidades francesas) e o segundo, como uma importante área de circulação (presença do segundo maior aeroporto de Paris, o Aeroporto de Paris-Orly).

Saint-Maurice, Maisons-Alfort, Alfortville, Thiais e Ivry apresentaram-se em uma posição intermediária quanto à relação emprego/população (Figura 5), possuindo um certo desequilíbrio quanto ao índice de desemprego.

Choisy e Vitry apresentaram a pior situação quanto à relação emprego/população estabelecida no gráfico (Figura 5). Vizinhas uma da outra, essas duas comunas revelaram-se problemáticas na análise socioeconômica, apresentando em consonância baixos índices de escolaridade e de poder aquisitivo.



Pablo Silva Lira

⁷A análise do desemprego é o que deriva da relação das variáveis população e empregos. Em uma situação normal, à medida que a população vai crescendo espera-se que os empregos também aumentam, do contrário o que ocorre é uma elevação dos índices de desemprego.

Figura 4 - Gráfico da relação população e empregos.

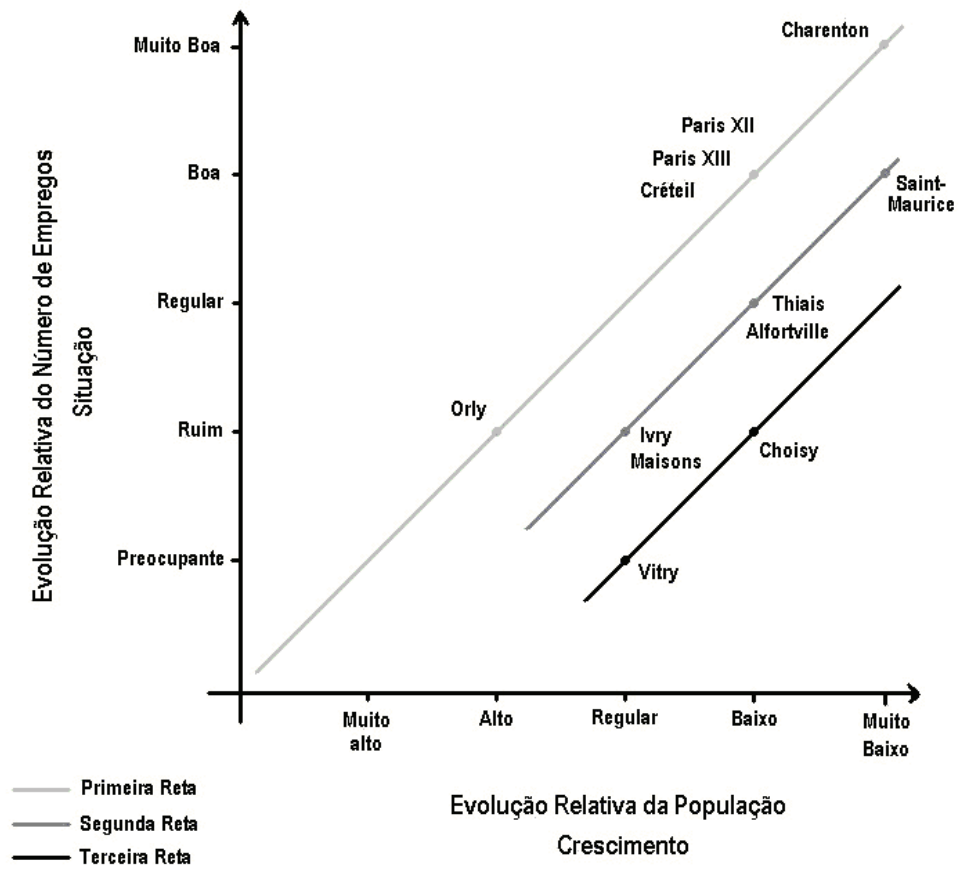


Figura 5 - A associação positiva dos dados.

COMO PENSAR AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS: A EXPERIÊNCIA DO SUBURBIO PARISIENSE NOS ATELIÉS INTERNACIONAIS DE CERGY-PONTOISE (FRANÇA)

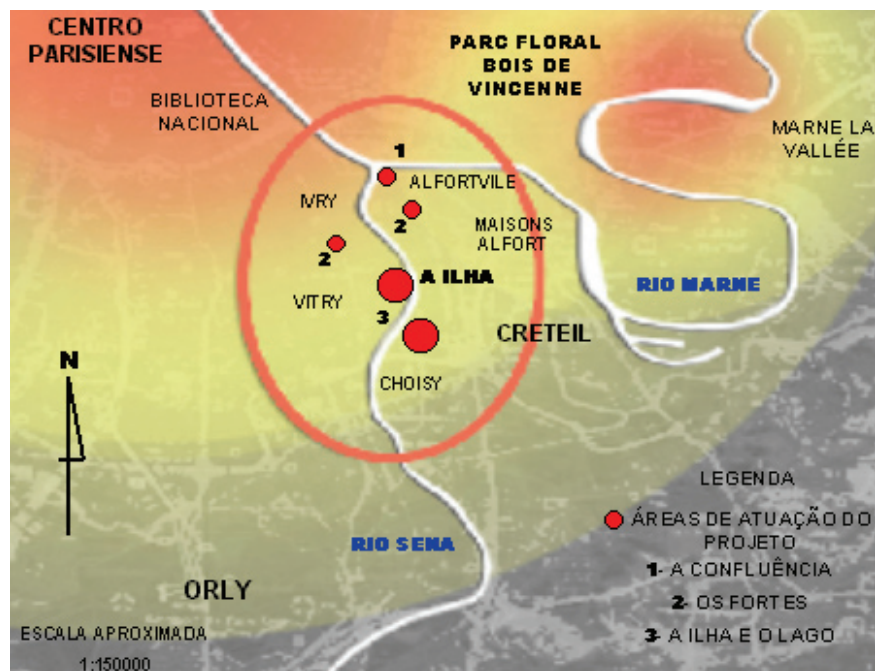


Figura 6 - O arranjo espacial da área planejada pelo projeto Ilba à Montante.

As análises das condições físicas e dos custos para trabalhar a reorganização espacial utilizaram cartas topográficas, imagens de satélite e fotografias aéreas para apontar as localidades atrativas que ofereciam facilidades para a implementação de projetos urbanos. Neste caso, Choisy e Orly apresentaram as feições topográficas mais adequadas às idéias de atuação do nosso projeto e as maiores facilidades para trabalhar com possíveis desapropriações de terrenos⁸, em caso de implementação.

Com o fim desse processo de análises, o projeto Ilha à Montante permitiu a identificação de três “zonas de atuação”: a Confluência, os Fortes e a Ilha e o Lago (Figura 6), onde a intervenção urbana seria feita por investimentos marcantes que visariam o desenvolvimento da atratividade local, retomando a ligação com o centro parisiense pelo resgate e renovação da identidade de produção em uma região dinâmica.

A CONFLUÊNCIA

Na comuna de Alfortville, mais precisamente na confluência dos rios Sena e Marne, está localizado o Chinagora, um grande restaurante chinês. A área ocupada por este não condiz com a realidade social local. Mesmo sendo construído nos moldes da arquitetura chinesa e se situando entre duas comunidades chinesas, o Chinagora atrai mais visitantes do que clientes.

Devido à pequena demanda da clientela, os proprietários, juntamente, com os órgãos administradores de Alfortville incentivaram a atuação de projetos e idéias que revitalizassem esse local de grande importância para a população parisiense.

O Projeto Ilha à Montante não pensaria na desapropriação dessa área, mas sim na criação de uma nova função para o Chinagora.

Ao longo das margens do Sena, existe o Centro da Cultura Japonesa (próximo a Torre Eiffel), Centro da Cultura Árábica, alguns Museus como o d'Orsay, a Biblioteca Nacional, entre outros locais de valorização cultural e intelectual.

Com base nisso, o nosso projeto visou estabelecer a articulação da região estudada com o centro parisiense através da instalação do Centro da Cultura China que aproveitaria a estrutura arquitetônica herdada do Chinagora e a proximidade com as comunidades chinesas locais (Chinatown), servindo como um novo elemento atrativo da região estudada. Além disso, a instalação desse centro serviria para valorizar ainda mais a cultura chinesa que é pouca conhecida e explorada pelos ocidentais.

Assim, o Centro da Cultura China marcaria a primeira transformação no território estudado. Os visitantes que seguiriam a rota da cultura ao longo das margens do Sena, distanciando-se do centro parisiense, chegariam na confluência para aprender mais sobre as peculiaridades da cultura chinesa e logo seriam atraídos pelo segundo investimento marcante do projeto Ilha à Montante, os Fortes.

OS FORTES

A existência de dois fortes militares, um localizado do lado esquerdo à jusante do Sena, na comuna de Ivry, e outro no lado oposto, em Alfortville, foi justificada, no passado, pela constante ameaça de invasões. Estes tinham como objetivo proteger Paris dos possíveis invasores que entrariam na cidade utilizando o rio Sena.

Estrategicamente construídos em ligeiras elevações, os fortes de Ivry e Alfortville apresentam simetria em relação ao Sena, o que facilitava a identificação imediata de inimigos.

Com o passar dos séculos, os fortes foram perdendo as suas funções. Atualmente, eles representam dois espaços vazios sem utilidade militar, urbana e/ou social.

Localizando-se próximo ao Centro da Cultura China, proposto como o primeiro investimento marcante do nosso projeto, os Fortes poderiam ser revitalizados com a instalação de dois pequenos museus, um no forte de Ivry e outro no de Alfortville, que resgatariam a importância histórica de ambas estruturas militares. Além disso, no entorno dessas localidades poderiam ser

Pablo Silva Lira

⁸ Seria mais viável lidar com a desapropriação de áreas improdutivas ou inabitadas que trabalhar com a idéia de desapropriação de zonas residenciais, por exemplo.

instalados comércios de pequeno porte, como lanchonetes, lojas de *souvenirs* e de diversão que estimulariam a frequência diária e noturna de visitantes.

As visitas noturnas seriam incrementadas pelo jogo de luz de canhões de *laser* instalados do lado de dentro dos fortes. No topo da Torre Eiffel existe um canhão de luz que durante a noite marca a presença da torre na planície parisiense, girando horizontalmente 360° em seu plano. Dentro dessa mesma idéia, os canhões de *laser* dos fortes de Ivry e Alfortville, apontados verticalmente para o céu, aproveitariam a simetria em relação ao Sena para marcar a presença do novo território da confluência dos rios.

O visitante que se localizasse na planície parisiense logo questionaria qual é o significado daquelas duas luzes fortes no céu, e de imediato seria informado que entre aquelas luzes estaria simbolicamente localizada a área da confluência do rio Sena com o rio Marne, território de grande importância e valor histórico, revitalizado por ações e obras implementadas pelo projeto Ilha à Montante, como o Centro da Cultura Chinesa e os museus de Ivry e Alfortville.

Nesse contexto, o território trabalhado pelo nosso projeto recuperaria a sua referência no espaço urbano parisiense, atraindo visitantes e servindo a população desempregada com oportunidades nos setores comercial e de prestação de serviços, entretanto estes seriam investimentos iniciais. As verdadeiras transformações nesse território seriam observadas com a implementação da terceira parte do nosso projeto, *a Ilha e o Lago*, que abririam novas frentes de trabalho e formação, dinamizaria circulação e os transportes locais, amenizaria o problema das enchentes e, sobretudo, resgataria e renovaria a identidade de produção da zona de influência da confluência do rio Sena com o rio Marne.

fornos e chaminés deixou alguns vazios no território estudado. A saída das indústrias, hoje vista como obsoletas, gerou vários reflexos sociais e urbanos nas abrangências da confluência do rio Sena com o rio Marne.

O projeto Ilha à Montante tentou aproveitar essa identidade de produção, construída no passado, dinamizando-a e conjugando-a em um território completamente transformado pelo planejamento urbano.

A criação de uma ilha no Sena, à montante do centro parisiense, e de um lago artificial, nas margens do rio, daria maior afirmação espacial ao local estudado. Por que uma ilha e um lago? As condições urbanas constatadas na região proporcionavam a atuação de idéias que provocariam a construção de uma imagem marcante dessas novas terras urbanas. Ao longo do Sena, existem diversas ilhas artificiais e naturais, como a Ilha da Cidade (Île de la Cité) que caracteriza o ponto central de Paris, estas apresentam-se interligadas com a planície parisiense por pontes e passarelas, isto é, não estão isoladas no território.

Por meio da construção de um canal no entorno da “zona de atuação” da comuna de Vitry⁹, a ilha banhada pelas águas do Sena seria concebida a princípio como “isolada”, mas a ação do projeto iria além do aspecto físico. O incentivo à vinda de indústrias modernas, providas do conceito de produção conciliado à preservação ambiental, e de centros tecnológicos, que serviriam para formação de mão-de-obra qualificada, integraria a ilha com o resto da região.

Esses centros tecnológicos interagiriam com a área das universidades localizadas no setor Paris XIII (a noroeste), onde está localizada a Biblioteca Nacional, e com Créteil (a sudeste) uma outra comuna com a presença de instituições de ensino superior, ambas próximas ao território da Ilha à Montante.

Como a ilha, a construção do lago artificial foi pensada com o intuito de dar uma imagem dinamizada a esse novo território e de servir como um reservatório em casos de enchente. Estruturas residenciais seriam implantadas nesse lago dentro de um novo conceito de morar. Essas novas casas seriam providas de uma engenharia

COMO PENSAR AS CIDADES
CONTEMPORÂNEAS: A EXPERIÊNCIA
DO SUBURBIO PARISIENSE NOS ATELIÉS
INTERNACIONAIS DE CERGY-PONTOISE
(FRANÇA)

⁹Essa “zona de atuação”, derivada das análises do nosso projeto, se localiza na comuna que apresentou as piores condições sócio-econômicas e urbanas.

A ILHA E O LAGO

Como visto, a identidade de produção caracterizada pelo trabalho dos operários, pelo barulho das máquinas, pelos grandes

moderna que faria com que elas flutuassem nas águas do lago artificial. Em caso de enchente, essas habitações não sofreriam risco de dano, e o lago funcionaria como um reservatório que diminuiria o aumento do nível das águas do Sena nessa região, amenizando as perdas sociais e as avarias nos elementos urbanos restantes.

A questão das enchentes poderia ser solucionada, também, no nível macro, com a construção de barragens à montante do Sena, em áreas menos urbanizadas e habitadas; no nível meso, com a construção de reservatórios como o canal que definiria, fisicamente, a ilha artificial e o próprio lago; e no nível micro, com adaptações nas técnicas de construção (por exemplo: a elevação das fontes elétricas nas casas).

Tudo isso daria maior segurança, em relação às enchentes, à população que seria integrada por outras ações do nosso projeto. Por exemplo, nas margens do lago seriam construídas áreas verdes, com o propósito de estimular relações sociais, de lazer e de valorização ecológica.

A sociedade que se insere na área de influência da confluência seria envolvida em uma dinâmica urbana, em que a Ilha, pólo do trabalho, interagiria gerando novos empregos e preservando a identidade de produção em uma lógica moderna; o lago receberia novos habitantes trazidos para atuar nas “indústrias limpas” e nos centros de formação profissional; e as margens do lago exerceriam o papel de área de lazer integrando a população local. Ao mesmo tempo, os museus construídos nos fortes de Ivry e Alfortville e o Centro da Cultura Chinesa, instalado na confluência, atuariam no tecido urbano local atraindo visitantes e consolidando a ligação do território Ilha à Montante com o centro parisiense.

Todos esses locais seriam interligados tanto pelas vias de transportes longitudinais existentes (avenidas e linhas de metrô) quanto pelas vias transversais que seriam implantadas com o intuito de ligar médias distâncias. Essas novas vias passariam pela ilha “costurando-a” ao restante da região. A instalação de pontes e passarelas seria necessária para que meios de transportes cruzassem as estruturas urbanas, ligando transversalmente o espaço urbano. A in-

tegração dos transportes longitudinais, transversais e locais proporcionaria a dinamização da circulação e dos fluxos na região planejada.

Assim, o território analisado pelo projeto Ilha à Montante restabeleceria a forte ligação com o centro, como os demais pólos de Paris, resgataria a identidade marcante de produção em uma nova perspectiva de conscientização ambiental e, sobretudo, conjugaria de maneira coerente, por meio do planejamento, diversas estruturas urbanas, amenizando os problemas sociais e proporcionando a reorganização espacial local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um evento interdisciplinar e intercultural: Assim é definido o Ateliê Internacional de Planejamento e *Design* Urbano de Cergy-Pontoise. Em um contagiante “manguezal de idéias” (Yves Lacoste), estudantes de várias nacionalidades e diferentes disciplinas: Sociologia, Economia, Geografia, Engenharia, História, Arquitetura, entre outras, pensam, coletivamente, as questões urbanas em perspectivas distintas.

O produto desse processo se consuma em inovadoras formas de planejar as cidades. No fim, tanto os estudantes e jovens profissionais quanto os habitantes da área urbana trabalhada saem ganhando. Eventos como os Ateliês de Cergy-Pontoise¹⁰ se tornam de fundamental importância para estudar e propor soluções para as cidades no mundo inteiro.

Será que se existissem práticas como estas no Brasil, em que as questões urbanas são pensadas em diferentes pontos de vista, a situação de nossas cidades seria a mesma?

Pensar em formas de mudar o conceito do planejamento urbano brasileiro, no qual pequenos grupos dominantes de “agentes sociais” (Roberto Corrêa, 1990) tomam delicadas decisões sobre tramas urbanas visando os próprios interesses econômicos, é a nossa função como geógrafos.

Diante disso, os equívocos observados nas nossas cidades e a má estruturação do tecido urbano brasileiro poderiam ser

Pablo Silva Lira

¹⁰Devido ao seu sucesso, o Ateliê de Cergy-Pontoise desenvolveu extensões em outras partes do mundo, como Hong-Kong, Rússia, Vietnã, Laos, Camboja e Japão.

amenizados ou até mesmo reparados por profissionais pensadores que seriam incentivados por essa maneira dinâmica de trabalhar o urbano.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade: formas de produção imobiliária em Vitória**. Vitória – ES: Flor e cultura, 2002.

CANO, Ignácio; SANTOS, Nilton. **Violência letal, renda e desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

CORRÊA, Roberto L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1990.

LACOSTE, Yves. **A Geografia**. In François Chatelet. História da Filosofia: A Filosofia das Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 221-274.

LEFEBVRE, Henri. **La revolucion urbana**. 4ª ed. Madrid: Aliança editoria, 1983.

LIRA, Pablo Silva. **Direito à cidade, a revitalização do Espaço Urbano**. In: ATELIÊ INTERNACIONAL DE PLANEJAMENTO E DESIGN URBANO DE CERGY- PONTOISE, 21ª Sessão, agosto/setembro de 2003. Cergy-Pontoise, França.

LIRA, Pablo Silva. *et al.* **Projeto Ilha à Montante**. In: ATELIÊ INTERNACIONAL DE PLANEJAMENTO E DESIGN URBANO DE CERGY- PONTOISE, 21ª Sessão, agosto/setembro de 2003. Cergy-Pontoise, França.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

RESUMO

Eventos como o Ateliê Internacional de Planejamento e *Design* Urbano são de suma importância para o desenvolvimento das cidades do globo. A interação de jovens pesquisadores, profissionais, *experts*, artistas e das comunidades estudadas é de grande valor para a evolução do urbano.

Dessa forma, problemas urbanos brasileiros, como a distribuição desigual dos equipamentos e serviços coletivos, a má organização do tecido urbano e os reflexos sociais (desemprego, subintegração, violência urbana etc), poderiam ser amenizados ou até mesmo reparados, melhorando as características e funcionalidades de cidades como Recife, São Paulo, Vitória, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Planejamento Urbano; Disposição das Estruturas Urbanas; Organização Espacial.

ABSTRACT

Events like the International Cergy-Pontoise's Workshop are very important for the development of the cities of the world. The participation of young researchers, professionals, experts, artists and studied communities is of great value for urban evolution.

This way, Brazilian urban problems, like the unequal distribution of equipments and collective services, the bad organization of the urban site and the social reflexes (unemployment, sub-integration, urban violence etc), could be softened or even solved, improving the characteristics and functionalities of cities like Recife, São Paulo, Vitória, Belo Horizonte and Rio de Janeiro.

Keywords: Urban planning; Disposition of the Urban Structures; Space organization.

SINOPSES

PANORAMA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA I

Autores: José Borzacchiello da Silva
268 p.



PANORAMA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA II

José Borzacchiello da Silva
308 p.



PANORAMA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: problemáticas contemporâneas, volume 1, e PANORAMA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA 2 – novas e velhas questões, volume 2, resultam da reflexão de diferentes especialistas, brasileiros e estrangeiros, professores e pesquisadores ligados a diversos programas de pós-graduação, cujos temas representam parte significativa das linhas de pesquisa em suas múltiplas abordagens. Os livros reúnem o saber fazer de 48 renomados pesquisadores, portadores de refinado balizamento teórico e leitura analítica consistente, adquiridos em anos de lides acadêmicas. Ao mesmo tempo, comprovam sua constante renovação nas perspectivas teórica e metodológica. De posse dessas obras, o leitor poderá ver o mundo sob o prisma da geografia. Lê-las significa ter acesso a informações indispensáveis à compreensão mais acurada da realidade. Nessas publicações a geografia dá, pois, sua contribuição para o entendimento da dinâmica espacial contemporânea. A partir de diferentes práticas discursivas, os autores oferecem explicações de amplos nichos de pesquisa, com enfoque especial na geografia brasileira. Os livros alargam, sobremaneira, o leque de opções de leituras concernentes à bibliografia geográfica. Os textos são atuais e, por sua qualidade, certamente subsidiarão a sociedade em assuntos prementes, constantes em vários aspectos da vida do país. Nesta perspectiva, os livros rompem fronteiras.

YVES LACOSTE: ENTREVISTAS

Cláudio Luiz Zanotelli
Editora Anna Blume

A importância do geógrafo francês Yves Lacoste na formação da geografia brasileira das últimas cinco décadas não pode ser minimizada. A repercussão de suas obras iniciais - Geografia do subdesenvolvimento e Os países subdesenvolvidos (publicadas no Brasil em 1966 e 1968 respectivamente, e conhecendo muitas edições) - marcou profundamente o debate da época, transcendendo em muito o próprio campo disciplinar.



O BAIRRO REFORMA AGRÁRIA E O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO CAMPONESA

Larissa Mies Bombardi
396p

Este livro é uma descrição precisa e amorosa da vida camponesa. Não me lembro de haver lido nada tão inspirador sobre o mundo rural, desde que me caiu às mãos, muitos anos atrás o romance de Knut Hamsun O crescer da terra. No entanto, o trabalho de Larissa Mies Bombardi não é ficção, mas ciência da boa, ancorada em sólidos fundamentos teóricos e rigoroso trabalho de campo. [...] Seus primeiro grande mérito é estabelecer a relação entre as várias dimensões da realidade camponesa, a fim de poder apreendê-la em sua totalidade. Questiona desse modo as abordagens reducionistas e funcionalistas que prejudicaram tanto a pesquisa quanto a docência sobre o mundo rural. [...] O livro traz ainda elementos empíricos importantes para o debate sobre a posição da agricultura camponesa no processo de desenvolvimento capitalista. Na base de que “contra o fato não há argumento”, Larissa registra a persistência e o crescimento de uma comunidade viva e progressista de camponeses no interior de uma das regiões mais desenvolvidas do capitalismo brasileiro. Quem sabe, porém, contribuição ainda maior do que esta para o conhecimento da nossa realidade rural tenha sido o relato de aspectos fundamentais e tantas vezes esquecidos, tanto pelos adversários como por certos defensores da reforma agrária: a criação de condições objetivas para o florescimento da igualdade, da solidariedade e da cidadania democrática.” (do prefácio de Plínio de Arruda Sampaio)



GEOPOLÍTICA, IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO

Autor: Joan Nogué Font
284 p.

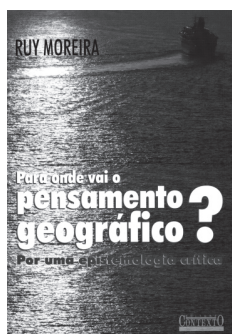
Utilizando os instrumentos que a nova geografia política oferece, Joan Nogué Font, catedrático em Geografia Humana da Universidade de Girona (Espanha), e Joan Vicente Rufí, professor titular de Geografia Humana da mesma universidade, analisam temas essenciais da geografia contemporânea, como o papel do Estado-Nação tradicional ante o crescente protagonismo das entidades supraestatais e subestatais, a dimensão territorial da nova economia e das novas tecnologias, a aparição de novos territórios e novos agentes sociais e políticos e, como não poderia deixar de ser, a questão ambiental. Se dedicam, em suma, ao estudo do fenômeno da globalização, do processo de formação das diversas identidades coletivas e da complexa trama que os relaciona. Geopolítica, identidade e globalização é uma obra escrita e estruturada para estudantes de qualquer área das ciências sociais (geografia, relações internacionais, sociologia, economia, ciências políticas, história, antropologia, entre outras) e também para leitores que estejam interessados em compreender a transformação do mundo ao seu redor. Esta edição brasileira apresenta também um extenso prólogo que aborda o mundo após o 11 de Setembro de 2001.



POLÍTICAS TERRITORIAIS NA AMAZÔNIA

Autora: Neli Aparecida de Mello
410 p.

Para clarificar os termos do debate, a autora analisa as políticas desde a década de 1970, resgata o movimento engajado nesses trinta anos, e aprofunda-se na transição para os anos 2000, esmiuçando as contradições entre os discursos e a realidade prática dos investimentos públicos. Capítulos específicos tratam dos programas de governo e de um dos maiores programas multilaterais implantados depois da Conferência do Rio: o Programa Piloto de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil.



PARA ONDE VAI O PENSAMENTO GEOGRÁFICO? POR UMA EPISTEMOLOGIA CRÍTICA.

Autor: Ruy Moreira
Editora Contexto, 2006

Este livro destina-se a estimular o debate da geografia diante da fragmentação do olhar geográfico comprometido com um tipo de mundo há tempos esgotado na história humana. Para onde, afinal, caminha a geografia e o ofício de geógrafo?

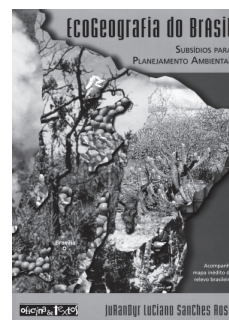
ECOGEOGRAFIA DO BRASIL – SUBSÍDIOS PARA PLANEJAMENTO AMBIENTAL.

Autor: Jurandyr Luciano Sanches Ross

Editora: Oficina do Texto, 2006

208p

Com habitual maestria, Jurandyr Ross expõe as bases para uma geografia construtiva, teórica e prática, em *Ecogeografia do Brasil – subsídios para planejamento ambiental*. Valorizando a análise integrada, retoma conceitos como geossistemas, fragilidades e potencialidades ambientais e o relevo. Analisa os espaços naturais e a transformação em agroecológicos onde situa os corredores produtivos, região por região brasileiras. Apresenta o ZEE – Zoneamento Ecológico-Econômico para o ordenamento territorial, cuja aplicação na bacia do rio Ribeira de Iguape é detalhada e servirá de exemplo e roteiro para outras regiões.



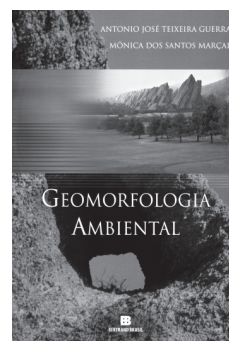
GEOMORFOLOGIA AMBIENTAL

Autores: Antonio José Teixeira Guerra e Mônica dos Santos Marçal

Editora: Bertrand Brasil, 2006

189p

Geomorfologia Ambiental atende a uma demanda atual de trabalhos voltados ao planejamento ambiental, tanto em nível de questões teórico-metodológicas, como de ferramentas utilizadas para a sua execução. Nesse sentido, o livro aborda tanto questões relacionadas aos conceitos, temas e aplicações da Geomorfologia Ambiental, assim como discute a evolução da paisagem e das unidades de paisagem no âmbito da Geografia Física.



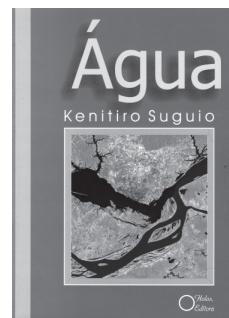
ÁGUA

Autor: Kenitiro Suguio

Editora: Holos, 2006

243

Neste livro, *Água*, o Prof. Dr. Kenitiro Suguio faz uma síntese de todo conhecimento básico sobre a água. Isso inclui desde a história da água na Terra até suas propriedades físicas e químicas, desde sua interação com outros elementos químicos, até sua quantidade nas formas sólida, de vapor, como água salgada e como água doce, desde sua proporção no corpo dos organismos até sua disponibilidade no Brasil e no mundo. Esse conhecimento, disperso em centenas de livros e milhares de artigos científicos, é apresentado de forma sintética e compreensiva, que vai tornar-se uma referência necessária para cientistas e professores de várias áreas de atuação.



DO QUILOMBO À FAVELA. A PRODUÇÃO DO “ESPAÇO CRIMINALIZADO” NO RIO DE JANEIRO.

Autor: Andreilino Campos

Bertrand Brasil, 2005

O livro vem em boa hora contribuir para a geografia dos negros, dos pobres e seus espaços. Volta se para a condição de vida nas favelas controladas pelo narcotráfico. Do Quilombo à Favela e desta ao narcotráfico, eis o que o livro aborda. Considera-se, assim, o entrecruzamento de terras e questões que adquirem uma espacialidade singular, envolvendo favelas, drogas, redes e territórios.

NORMAS PARA RECEBIMENTO DE TRABALHOS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA GEOGRAFARES

A Revista Geografares é uma publicação do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo que se destina à divulgação de trabalhos de pesquisa originais e inéditos sobre assuntos de interesse científico e geográfico, redigidos em português **e obedecendo estritamente as normas abaixo enunciadas.**

Todos os trabalhos devem ser encaminhados completos e definitivamente revistos. O autor não receberá cópia para correção. Esta será feita pelo editor, com base no texto original recebido. Os originais serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial, que poderá aceitar, recusar ou reapresentar o original ao(s) autor(es) com sugestões de alterações. Os autores serão notificados do aceite ou recusa de seus trabalhos. Os originais não serão devolvidos, mesmo que recusados.

Deve ser comunicado aos editores da Geografares se os artigos são enviados também para outras publicações e se já foram aceitos para publicação em outras revistas.

Serão aceitas contribuições na forma de artigos, entrevistas, resenhas bibliográficas e notas, que devem atender ao seguinte padrão:

I – ARTIGOS

A – devem ter no máximo 20 laudas, incluindo figuras (mapas, ilustrações, fotos, gráficos etc.), tabelas, notas, referências bibliográficas e resumos. A lauda corresponde a 30 linhas, 70 toques cada, em espaço 1,5, composto em word for windows, corpo 12, fonte Times New Roman.

B – os artigos devem vir com as correções de português devidamente realizadas. **Recusaremos** artigos que não cumpram essa exigência.

C – devem ser entregues três cópias de boa qualidade, sem rasuras ou emendas, em papel formato A4, com a indicação do local onde se insere cada figura ou tabela, bem como uma versão em disquete de 3,5” ou cd, devidamente identificado com os dados do(s) autor(es).

D – o cabeçalho deve conter o título e subtítulo do trabalho (se houver), o(s) nome(s) do(s) autor(es) e suas respectivas titulação, função e instituição a qual se vincula. O texto deverá ser estruturado em introdução, desenvolvimento, considerações finais, referências bibliográficas, resumos e notas.

E – os textos devem ser acompanhados de um resumo em português de, no máximo, 600 caracteres e 3 palavras-chave que identifiquem o conteúdo do trabalho. O mesmo resumo e palavras-chave devem ser apresentados em outro idioma (Francês, Inglês ou Espanhol), acrescidos no final do texto (após as referências bibliográficas).

F – fotos, desenhos, mapas, gráficos deverão aparecer no corpo do trabalho com a denominação genérica de figura, numerada com algarismos arábicos. O mesmo se aplica às tabelas. Os originais de figuras e tabelas em papel devem ser preto e branco, com excelente qualidade em formato **.jpg** ou **.tif** com, no mínimo 300dpi (figuras e fotos) e entregues separadamente do texto. Gráficos e tabelas em Excel podem ser entregues em disquete de 3,5” ou cd, em arquivos separados, acompanhados de cópia impressa. As tabelas e gráficos devem ser de pequeno tamanho.

G – as notas devem ser evitadas ao máximo e somente colocadas aquelas que forem

realmente necessárias, devem ser numeradas sequencialmente em caractere normal (não usar o recurso inserir notas do word) e apresentadas no final do texto (após os resumos), em fonte Arial, corpo 10. Notas longas devem ser evitadas.

H – as referências bibliográficas devem aparecer no final do trabalho, em ordem alfabética e devem seguir as especificações contidas no Guia para normalização de GEOGRAFARES, Vitória, v. 1, no 1, jun. 2000 RESENHAS & SINOPSES 138 referências bibliográficas: NBR 6023, da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, tais como:

– para livro: SOBRENOME DO AUTOR, Prenome. Título. Edição. Local : Editora, ano. Páginas ou volumes.

– para tese ou dissertação: SOBRENOME DO AUTOR, Prenome. Título. Ano. Páginas

ou volumes. Tipo de trabalho (grau e área de concentração) – Unidade de ensino, Instituição onde o trabalho foi apresentado.

– para artigos de revistas técnicas: SOBRENOME DO AUTOR do artigo, Prenome. Título do artigo. Título do Periódico, local de publicação, número do volume, número do fascículo, página inicial e final do artigo, data.

– trabalhos apresentados em eventos: SOBRENOME DO AUTOR do artigo, Prenome.

Título do artigo. In: TÍTULO DO EVENTO, número, ano de realização e local de realização do evento. Título da publicação. Local : Editora, ano. Indicação da parte referenciada.

I – toda referência bibliográfica feita ao longo do texto deverá vir entre parênteses, indicando o sobrenome do autor, data da publicação e número da página. Ex: (George, 1973, p. 68)

II – Entrevistas:

A – devem seguir as mesmas recomendações para artigos, não excedendo 15 laudas, acrescido da data e local da entrevista e dados do entrevistado.

B – o texto deve vir acompanhado de autorização, por escrito, do entrevistado.

C – perguntas e respostas devem ser precedidas das iniciais do entrevistador e do entrevistado, respectivamente.

III – Notas:

A – para essa seção serão aceitos textos sobre eventos científicos realizados, relatos de trabalhos de campo, comunicações sobre pesquisas em andamento, entre outras.

B – devem seguir as mesmas recomendações para artigos, não excedendo 10 laudas.

IV – Resenhas:

A – para essa seção serão aceitas resenhas informativas de obras (livro, capítulo de livro, revista especializada, artigo de revista especializada, teses e dissertações, entre outros) de interesse à ciência geográfica, acompanhadas ou não de apreciação crítica.

B – devem seguir as mesmas recomendações para artigos, não excedendo 5 laudas.

C – dados completos da obra resenhada devem ser enviados. Solicita-se também o envio de cópia (com boa qualidade) da capa/página de rosto da obra resenhada.

Os originais devem ser encaminhados para:

Revista Geografares

Comitê Editorial

Departamento de Geografia – CCHN–Ufes

Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus de Goiabeiras

29060-970 – Vitória – ES